

Libro de Mano: “Novela Política e Sentimental”, um pasquim manuscrito

Libro de Mano: “A Political and Sentimental Account”, a manuscript pamphlet

Francisca L. Nogueira de Azevedo*
Roberta Teixeira Gonçalves**

RESUMO

Neste artigo as autoras analisam um documento depositado na seção de manuscritos da Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro, na pasta de “jornais manuscritos”, intitulado “*Novella política e sentimental*”; *descrição de factos dos tempos da Revolução e Campanha Oriental e da Colônia de Sacramento 1810-1823*. Não consta a autoria, tampouco a data de produção do documento. O texto tem 51 páginas manuscritas e é dividido em três partes, e pressupomos que seja material de propaganda política em favor da monarquia espanhola. Este artigo destaca, inicialmente, em que medida os panfletos manuscritos serviram às elites coloniais para a mobilização política das camadas populares letradas. O ponto central é a análise da narrativa novelesca, no sentido de perceber os elementos discursivos utilizados como persuasão em defesa da Espanha.

Palavras-chave: jornais manuscritos; monarquia espanhola; propaganda política.

ABSTRACT

In this article, the authors analyze a document held in the manuscript section of the National Library of Rio de Janeiro, in the manuscript newspapers file, entitled ‘*A Political and Sentimental Account*’, *a description of the facts of the Revolution and the Eastern Campaign and that of the Colony of Sacramento 1810-1823*. There is neither reference to the document’s author nor to the date of its composition. The text has 51 manuscript pages and is divided into three parts. Our point of departure is the supposition that the *Political and Sentimental Account* is political propaganda on behalf of the Spanish monarchy. Initially highlighted is how pamphlet manuscripts served colonial elites to politically mobilize the illiterate masses. The central point of the article is the analysis of its novel-like narrative in order to show how the discursive elements were used as persuasion in defense of Spain.

Keywords: manuscript newspapers; Spanish monarchy; political propaganda.

* Departamento de História, Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Largo de São Francisco, 1, Centro. 20051-070 Rio de Janeiro – RJ – Brasil. franciscazevedo@uol.com.br

** Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Departamento de História. BR 465 – km 7. 23890-000 Seropédica – RJ – Brasil. betaquintana@yahoo.com.br

“JORNAL MANUSCRITOS”

A presença de manuscritos na vida cultural do século XVIII na Península Ibérica é bem conhecida pela historiografia, pois desde o final do século XIX há estudos que comprovam a existência de folhas volantes manuscritas setecentistas com periodicidade regular. Os textos manuscritos, alguns verdadeiros *libros de mano*, eram considerados obras com alcance restrito, uma vez que se pensava que matérias de ampla circulação eram reservadas aos textos impressos. Realmente, o material manuscrito mais conhecido são epistolários, poesias e meditações, entre outros textos que fazem parte de uma sociabilidade limitada. Porém, além desses tipos de escrituras, encontram-se em várias bibliotecas conjuntos documentais de manuscritos classificados como “jornais manuscritos”. O historiador espanhol Fernando Bouza chama atenção para a presença de manuscritos com sátiras sociais e políticas ou de críticas ao governo durante os séculos XVI e XVII, na Península Ibérica.

La extensión del fenómeno en los lugares de vecinos fue enorme y, al compartir un sustrato común con la sátira social y política (formas de publicación y autoría, métrica etc.), permite encontrar la primigenia práctica social sobre la que descansarían los pasquines y otras críticas al gobierno, que, por otra parte, fueron mayoritariamente manuscritas.¹

É possível, também, encontrar a permanência desse tipo de libelo, no final do século XVIII, na América espanhola. Boleslao Lewin, em artigo sobre a “Conspiración de los Franceses en Buenos Aires” (1795), relata um depoimento que permite reconstruir com detalhes a forma como se processava a circulação desses panfletos críticos e, muitas vezes, difamatórios:

Fr. Igarzábal, de la orden de Nuestra Señora de [las] Mercedes, tenía oído que un sujeto que habitaba en las inmediaciones de su convento, hallándose en hora de la noche con la ventana de su vivienda abierta, en estado ya de recogerse, observo que otro, de capa, pasaba por la calle llevando su dirección hacia una de las esquinas, donde se retuvo algún tiempo haciendo ruido de papeles; que deseando saber lo que podía ser se determino a salir, y siguiéndole, encontro fijado en las esquinas un papel con oblea reciente cuyo papel arrancó; que proseguendo adelante vió iba fijando otros papeles, los cuales recogió asimismo, hasta el numero de seis o siete; que sin perder de vista al sujeto, con la resolución de conocerle, le siguió los pasos hasta que le vió entrar en su casa, ratificándose por esto que era el mismo que se había presumido; que luego se retiro, e instruyéndose de los

papeles vio que el contenido de ellos era infamatorio a las Majestades, y que en ellos se aplaudían los hechos de la Francia.²

Com a chegada da Corte ao Rio de Janeiro e a crise gerada pela invasão napoleônica na Península Ibérica, pasquinadas satíricas circulavam esquentando a contestação política orquestrada pela oposição que se dividia entre o apoio a Napoleão e a crítica ao monarca pelo abandono de Portugal. Nos relatórios do intendente da Polícia do Rio de Janeiro, Paulo Fernandes Viana, encontra-se uma anotação sobre pasquins afixados na Rua do Fogo, enaltecendo Napoleão Bonaparte:

*O Intendente em Andrahi
E El Rei em Santa Cruz
So tu, o Grande Bonaparte
Que para reinar nasceste
E para providências o primeiro
Estas em Santa Helena prisionado!!*³

É importante ressaltar que os textos manuscritos tiveram grande importância como meio de propagação de ideias e questionamentos da sociedade colonial durante as primeiras duas décadas do século XIX. Na América espanhola, desde a segunda metade do século XVIII as ofensas e calúnias trocadas entre os “ilustrados” ou “afrancesados” e seus opositores “realistas” ou “legalistas” geraram uma verdadeira “guerra de panfletos”, com papéis de fabricação caseira e caligrafia variada. Mas é com a invasão francesa a Península Ibérica e o vazio do poder na Espanha que essas “folhas volantes” com versos, trovas e diálogos correram as diferentes províncias lançando novas ideias ou saindo em defesa do Antigo Regime. No Brasil, esse material ganha fôlego a partir de 1821, quando os partidários do constitucionalismo saem vitoriosos na rebelião de fevereiro, no Rio de Janeiro, e nova cultura política germina com base nas pasquinadas escritas à mão, que corriam a cidade clandestinamente defendendo e exigindo a publicação de uma Constituição. Kirsten Shults afirma que apesar de o impacto desses folhetos ser limitado – uma vez que atingiam quem sabia ler, minoria entre os residentes da cidade –, o impacto político era significativo, uma vez que as “folhas volantes” eram lidas clandestinamente.

Segundo os relatos dos informantes da intendência, nas casas de pasto, farmácias e outros locais de encontros públicos e privados os residentes do Rio

“ouviam recitações ou participavam de conversações sobre as mensagens e os significados das obras constitucionalistas”.⁴

Nesse contexto de intensas disputas políticas, os periódicos manuscritos serviam de palco para as brigas e polêmicas que se expandiam através de calúnias e escândalos políticos. Os pasquins eram espaços onde ocorriam debates e discussões de ordem política ou pessoal, além de conterem um noticiário variado.

O material manuscrito coexistia com os impressos, raros no início do XIX, já que os prelos na América ibérica eram muito poucos e o preço do papel muito alto. Além disso, a censura prévia aos impressos impedia a produção de material com críticas ao governo.⁵ Outra vantagem dos manuscritos era a possibilidade de modificação do texto, o que não poderia ocorrer com os impressos. Bouza procura demonstrar que em virtude da censura prévia aos impressos os manuscritos eram uma opção, pois só depois de circularem é que eram censurados.

Sin duda, aunque, como veremos, también se pudiera extender la vigilancia eclesiástica o regia a la circulación manuscrita, los controles oficiales se dirigían ante todo a la difusión de textos impresos mediante la censura previa de lo que iba llegando a las imprentas. Se abría, así, cierto espacio para la transmisión de contenidos comprometidos mediante el recurso a traslados y a papeles de mano, cuya circulación inicial no cabía controlar con carácter preventivo, aunque sí a posteriori por medio de la incautación o de la entrega forzosas de las copias posí-lidas por particulares. (Bouza, 2001, p.63)

Estudos recentes sobre o livro e a leitura registram uma paulatina transformação da análise dos panfletos manuscritos com base nas diretrizes epistemológicas de uma história cultural da comunicação e conduzem à observação sobre a circularidade desses papéis e sobre a cultura política do período em que são escritos.

Na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro um inventário realizado por Waldir da Cunha classifica um conjunto de manuscritos com o título de “periódicos manuscritos”.⁶ Os “jornais” que fazem parte desse inventário circularam no Rio de Janeiro no período de 1741 a 1903. Os documentos foram agrupados por dois critérios: (1) por serem manuscritos, e (2) pelo conteúdo. Os temas encontrados abordam matérias políticas, noticiosas e entretenimento – poesias, histórias, piadas, charadas etc. O espaço destinado às crônicas culturais e sociais é bem grande, em relação às outras seções. Essas crônicas, em

geral, ironizavam a vida cotidiana, discutindo a relação entre homens e mulheres, o papel da mulher, atitudes de jovens de famílias abastadas, como também as relações e os comportamentos presentes na sociedade. As notícias iam desde relatos sobre as festas religiosas ao aumento da população canina na cidade.

Os “periódicos manuscritos” encontrados na Biblioteca Nacional apresentam “formato *in quarto*”, com pequeno número de páginas e com títulos e epígrafes frequentemente curiosos. Em geral, o proprietário do jornal era também o redator. Apesar de serem classificados como periódicos, não eram produzidos regularmente, alguns eram distribuídos gratuitamente, outros vendidos, e outros deveriam ser devolvidos à redação. O conjunto desses manuscritos é oriundo de coleções particulares e apresenta grande dificuldade na sua preservação, uma vez que circulavam intensamente pelo país, sendo muitos deles transcritos e afixados em locais públicos, fator importante para explicar a má conservação e a escassez dos periódicos. A leitura em público desses “pasquins” era bastante comum, pois o número de letrados na época ainda era bem pequeno.

Quanto à autoria, Bouza observa que nesse tipo de manuscrito

la figura del autor ha ido perdiendo sus perfiles de creador todopoderoso que dominaba el texto de forma absoluta. Los beneficiários de su parcial “desdibujamiento” han sido tanto los impresores y editores, a los que se les reconoce un grado de participación cada vez mayor en las obras de las que se ocupaban, como los propios lectores, entendidos ahora como algo más que meros receptores de las ideas que les proponía un omnipotente autor, modificándose la clásica idea de lectura hacia una forma de representación activa más que pasiva recepción. En esto, la copia manuscrita se revela como una forma de transmisión en la que es posible reconocer varias manos y, por tanto, más de un autor. (Bouza, 2001, p.21)

Informações semelhantes são dadas por Tiago C. P. dos Reis Miranda, em artigo sobre manuscrito encontrado na Biblioteca da Ajuda (Portugal), intitulado “Diário do anno de 1731 que faz o Conde de Ericeira D. Francisco Xavier de Menezes...”. Ao ler o título não fica dúvida sobre a identidade do autor. Entretanto, Reis Miranda afirma que vários estudiosos questionaram a autoria do “Diário”, entre eles o historiador Jaime Cortesão em seu trabalho sobre o Tratado de Madri (1750), sugerindo que o “Diário do Conde” havia sido enviado por este, regularmente, em várias cópias, aos seus amigos”.⁷ Ainda no mesmo artigo, Reis Miranda, ao referir-se às “gazetas manuscritas” da coleção

da Biblioteca de Évora, assinalou que existiam pelo menos três candidatos a assumir a autoria das “gazetas”. Fica, assim, mais um problema por resolver em relação à análise dos “jornais manuscritos”.

O objetivo principal deste trabalho é avaliar em que medida esses pasquins serviram às elites coloniais para a mobilização política das camadas populares iletradas. Pressupondo que a participação de segmentos populares nos movimentos político-sociais se dá pela identificação da população com uma proposta concreta vinculada a interesses e anseios próprios, torna-se simplista a visão de que as alianças entre elites e os setores populares se dê simplesmente mediante a liderança carismática e/ou por vínculos paternalistas. Corroborando essa linha de pensamento, a historiadora Kirsten Schultz anota que “no contexto do movimento constitucionalista, alcançar uma compreensão da opinião pública e reformar essa opinião em favor da Coroa adquiriu uma urgência nova...” (Shultz, 2008, p.364). Sendo assim, nosso projeto teve como proposta analisar as formas e os discursos utilizados pelo material de propaganda política manuscrito no sentido de formar opinião pública em torno de determinado segmento político.

“NOVELA POLÍTICA E SENTIMENTAL”

Para o desenvolvimento deste texto foi escolhido como fonte principal um manuscrito encontrado na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro intitulado “Novela política e sentimental”. A escolha desse material como objeto de estudo se deu em virtude da originalidade e de particularidades do documento aqui entendido como peça de propaganda política.

O referido documento encontra-se depositado na seção de manuscritos da Biblioteca Nacional (BN I-28, 24,9), na pasta de “jornais manuscritos”, ali colocado – justifica Waldir da Cunha, funcionário responsável pela catalogação – em virtude da semelhança com outros documentos. Na descrição do documento lê-se: “*Novella política e sentimental*”; *descrição de factos dos tempos da Revolução e Campanha Oriental e da Colônia de Sacramento 1810-1823*. Coleção Martin. Não há referência à autoria, tampouco à data de produção do texto.

A *Novella política e sentimental* divide-se em três partes, com um total de 51 páginas manuscritas, e abrange o período 1810-1823. Seis personagens principais participam da trama. São eles: 1) *O narrador*: comerciante espanhol que deixa a Espanha em virtude da invasão napoleônica; 2) *Costa*: natural de Lisboa, solteiro e secretário particular do comandante do exército português

em Montevidéu; 3) *Dias*: espanhol amigo do narrador, casado, pai de duas filhas, o qual vive em Montevidéu e, com o agravamento da revolução, entra no exército realista; 4) *Mr. Archs*: fazendeiro inglês, vive no Rio de Janeiro, pai de Ramona e de um rapaz que estudava na Inglaterra; 5) *Ramona*: filha de Archs e amante de Costa; 6) *Silva*: português, amigo do narrador. Além desses personagens entram na narrativa dois deputados peruanos: um deles, coronel, o outro capitão de artilharia; um liberal espanhol expatriado, residente em Londres; um Cônego espanhol, também expatriado por ter se oposto à causa liberal e igualmente residente em Londres.

A montagem da trama contempla um conjunto de elementos que vão identificar o propósito do documento, isto é, a defesa da monarquia espanhola e a crítica ao constitucionalismo. A conjuntura política da época sustenta a argumentação. Obedecendo a uma ordenação cronológica, a novela se inicia com o impacto da expansão napoleônica na Espanha, obrigando muitos espanhóis a fugirem para a América. Segue-se a crise gerada pela Revolução em Buenos Aires e a presença do exército português na fronteira de Montevidéu. A parte final da novela se passa no Brasil, onde os personagens presenciam os movimentos constitucionalistas no Rio de Janeiro e em Salvador, os quais os obrigam a fugirem para Londres, local de refúgio das diferentes correntes políticas que sintetizavam o confronto ideológico da época. Os papéis desempenhados pelos personagens são uma síntese dos elementos e das ideias que compõem a sociedade colonial em conflito.

Com esse conjunto de atores constrói-se uma novela em que o romance entre Ramona e Costa serve apenas de pano de fundo para a encenação política. Esta funciona como elemento desencadeador de emoções, revitalizando e dramatizando a narrativa. O texto de linguagem simples e direta apresenta-se entrecortado com marcação semelhante à de uma peça de teatro, perdendo assim o ritmo e o estilo elegante da narrativa novelesca da época.

Primeira parte

A novela tem início com a partida do narrador, comerciante espanhol, de Cádiz para Montevidéu, em virtude da expansão napoleônica na Espanha. A prisão da família real espanhola em 1808, por Napoleão Bonaparte, e a ascensão de José Bonaparte como rei, em lugar de Fernando VII, gerou revolta popular e conseqüentemente desencadeou reação violenta por parte das tropas francesas que já se encontravam em solo ibérico. Com as sucessivas vitórias do exército napoleônico a crença de um controle total do território espanhol pe-

los franceses era tida como bastante provável. Nesse contexto, muitos partidários da monarquia de Bourbon e, particularmente, os fiéis ao rei Fernando VII deixam a Espanha.

A chegada do espanhol ao vice-reino do Rio da Prata coincide com o desencadeamento da Revolução de Maio de 1810, que dá início ao processo de independência da região, e com a invasão das tropas portuguesas na Banda Oriental. Desde a chegada de d. João ao Rio de Janeiro o projeto de expansão do império português até o Rio da Prata passou a ser prioridade do Gabinete. Com o agravamento da crise em Buenos Aires a Espanha resolve substituir o vice-rei do Rio da Prata, Balthazar Hidalgo de Cisneros, pelo governador de Montevidéu, Francisco Javier Élio, fiel aliado da monarquia espanhola, o que torna a cidade de Montevidéu refúgio dos espanhóis perseguidos em Buenos Aires e reduto da resistência legalista. Em virtude da ameaça dos revolucionários à cidade, Javier Élio pede ajuda à Corte do Brasil, cujas tropas, comandadas por d. Diogo de Souza Coutinho, já estão acampadas em Rio Grande, na fronteira com a Banda Oriental.

Na realidade, a Revolução de Maio em Buenos Aires balança a capital do antigo vice-reino e dá início à sua derrocada. O Paraguai declara-se independente de Buenos Aires, enquanto os orientais se mantêm fiéis ao rei cativo, renegando uma associação com as Províncias Unidas. Como resposta, Buenos Aires envia um general, Artigas,⁸ para recuperar seu suposto domínio, mas este enfrenta a resistência do governador Francisco Javier Elio,⁹ que havia pedido ajuda ao exército português.¹⁰

O encontro do narrador com um oficial do exército português, Costa, serve de argumentação para a crítica à política lusa para a região. Comentando a chegada das tropas lusas o narrador observa: “quem depois de huma marcha suspeita chegou finalmente a S. Jose povoação distante vinte legoas de Monteideo, em cujo porto acampou”. A suspeição sobre a política lusitana cresce com as manobras realizadas pelo comandante português: “os indícios da marcha de D. Diogo, e outros avisos secretos, pozerão em total desconiança ao vice-rei Élio, que logo fez um armistício com os de Buenos Aires ... Os de Buenos Aires em cumprimento ao estipulado, não pelo vice-rei, mas sim pelo medo do Exército Português que estava à vista”. O narrador ainda assinala que a presença do exército português em São José despertou a atenção dos moradores, os quais afirmam terem visto ali “hum Exército que tinha mais pessas que soldados”.

A entrada em cena do sr. Costa se dá quando o comerciante espanhol, após deixar o acampamento do exército português, “vê um homem sentado ao

pé de uma árvore lendo um livro”. Inicia-se um diálogo entre os dois, o qual termina com o convite do espanhol para que o sr. Costa vá com ele conhecer Montevidéu. Durante a viagem o narrador enaltece a qualidade de vida da sociedade colonial e as vantagens de viver sob a tutela da monarquia espanhola, ressaltando as desgraças que a guerra tem trazido àquelas províncias.

No caminho para Montevidéu os companheiros passam por uma povoação chamada Piedras, e o narrador descreve o que foi a batalha de Las Piedras:

sete mezes faz, lhe disse, q^e neste mesmo lugar se deu a famoza batalha das Pedras, aqui meus Compatriotas pagarão o primeiro tributo à sua lealdade e adesão a Hespanha, aqui em fim se deu principio a huma cauza q^e antes de m^{tos} annos talvez verei os interesses, Leys, e fassé de algumas Nações.¹¹

Um terceiro personagem – sr. Dias – é introduzido quando os viajantes ao passarem por uma província encontram um amigo do narrador, abastado comerciante, que os convida para se hospedarem em sua casa. A ceia oferecida e o estilo de vida da família Dias é utilizado como metáfora da cultura e riqueza da sociedade colonial.

Dias nos disse q^e. no entanto se punho a Ceia podia-mos hir p^a a sala ouvir cantar e tocar suas filhas; effectivamente fomos, e sem repogmancia se sentou huã dellas a tocar as mais célebres variações de Monzart ... Em seguida a Menina cantou e tocou algumas passagens da Ópera =Gasa Ladra= de Rosini, e particularmente agradou ao Senhor Costa aquella passagem, quando a Gasa indo a morrer dá ao seu companheiro huma prenda. Levantou-se aquella menina, sentou-se a outra ao pianno e tocou e cantou aquella passagem da pessa de Tancredi =Tanti-parpите=, e a ultima Aria do Turco em Italia que dá principio =Se a culpa.

Como membro da elite colonial, o anfitrião faz questão de demonstrar a erudição de suas filhas e o conhecimento dos clássicos da música europeia. Durante a ceia é servida comida farta, com pratos variados e bom vinho proveniente da ilha da Madeira e da Grécia. Embora nessa região não sejam comuns os escravos, as famílias mais abastadas faziam questão de sua presença para os serviços domésticos. As cenas, de modo exemplar, reforçam a maneira de viver dessa sociedade que em quase nada se diferencia das sociedades europeias, modelo de civilização. A conclusão a que se chega é que a metrópole possibilitou aos colonos usufruírem qualidade de vida semelhante à dos espanhóis da península.

Terminada a ceia, as mulheres vão para seus aposentos e os homens ficam

conversando sobre política. As falas enaltecem o cotidiano colonial, ressaltando a existência de muita liberdade e justiça, fato que vai surpreender ao português, que no texto representa uma sociedade escravocrata, de liberdade restrita, na qual o sistema colonial não produziu unidades acadêmicas e culturais como ocorreu nas colônias espanholas.

Dias tomou hum bom gole do Chiprence, e deu principio deste modo ... O Sñr. Costa ficará talvez surprehendido se eu lhe aceguero q^e os Americanos hespanhoes erão os mais livres dos homens. Eu não falo d'essa liberdade conhecida n'algumas partes da Europa, que no meu entender, he liberdade de classe, e pelo tanto chega a mui pouca gente ... Huma igualdade sem limites nestes paizes reinava, porque nenhum homem se achava prescizado de se vender a outro homem. O respeito, a prescrição do Governo affiançava a felicidade pêrene, e a ambição apenas tinha campo p^a. explorar, porque todos os gozes do poderoso, estavam ao alcance dos pobres, se he que neste paiz os havia ... A America estava semeada de Univercidades, Collegios, e Escollas d'onde ao intitulado pobre, acomodado, e rico erão acessiveis ... Não Sñr. Costa, a plebe Americana em nada se parece com esa bestial da Europa, plebe que só se move a pão.

Continuando seu discurso, Dias fala sobre as causas da revolução:

O governo de Hespanha foi destruido pelos francezes, a Nação ficou assefela, isto deu lugar a levantar-se divercos Governos, ainda que illegaes, necessario. Os reçortes da preseripção origem de quazi todos os direitos, e do respeito e veneração do povo Americano, com o Governo, dezapareceu: A elleição de Vice-reis, e governadores nos foi contestada legalmente, e como a razão quando tem apoio vence, fomos vencidos em derecho. A emitação de Hespanha levantou-se em Montevideo huma Junta Governativa, esta deo o exemplo, e agora está pagando o attentado cometido não contra derecho, mas sim contra consciencia.

Dias responsabiliza os ingleses, preocupados apenas com seus interesses comerciais, pelas intrigas e pela discórdia na América:

Muitos tem dito que a Inglaterra favorece a liberdade da Europa, isto he verdade, porem tambem o he que em Inglaterra se forjão cadeias de escravidão ... Observem meus senhores os principios capitaes da intriga ingleza, os intereces sobre q^e. se estriba, e o fim de seus incansaveis trabalhos ... Entre os ingleses tudo he maquenismo, mas maquenismo facil, e tudo se move por hum unico recorte, e este recorte he o interece commercial. Para o governo inglez e p^a os ingleses em

geral não há nada que não seja especulação, a fé do governo e da Nação inglesa, he a fé do commerciante, ali não ha inconsequência ... Por huma ôperação simples, e grande derivada dos principios já ditos, a Nação inglesa se acha devedida em trez partidos. Primeiro, partido *Commercial*, este está incumbido roubar legal, ou ilegalmente as Nações, deitando d’este modo os allicerces à ruina dos Estados. Segundo, *Radical*, este tormou a cargo consumir a obra sublevando os povos contra os Governos, com escritos com dinheiro, com intrigas e com homens. Terceiro, *Constitucional*, este se incumbio de rebelar os Governos contra os povos, sustentalos, quando já enfraquecidos, com entrigas, com dinheiro, com homens, e sobre tudo, com combinações profundas.

De forma pontuada e cronológica Dias enfatiza as condições excepcionais da vida cultural e intelectual na colônia espanhola, comenta a invasão da Espanha por Napoleão e critica as Juntas de Governo que se formaram tanto na península quanto na América, após a ocupação francesa. O discurso do personagem termina com severa crítica à Inglaterra e à agressiva política comercial inglesa que, fomentando a discórdia, procurava tirar proveito das dissidências entre os colonos. As duas frustradas invasões inglesas à região do Rio da Prata deixaram a elite do vice-reino, particularmente os que tinham vínculos com o comércio monopolista, em alerta contra a Grã-Bretanha. Além disso, a política externa anglo-lusa para aquelas províncias, implementada logo após a chegada de d. João ao Rio de Janeiro, criou uma série de desconfianças entre os portugueses e seus aliados.

Depois de passarem a noite na casa do “amigo Dias”, o espanhol e o português continuam a viagem para Montevidéu. Chegando à cidade os amigos passeiam pelo centro, onde o espanhol mostra a “bela arquitetura”, os teatros e as peças que estão em cartaz. A conversa entre os dois tem como propósito demonstrar a excelência da vida cultural nas colônias, sendo discutidos diferentes temas de arte, música e teatro. Em determinado momento, a narrativa se desloca para a crise política e o avanço da revolução de Buenos Aires.

Sem ajuda do exército português, que é obrigado a retirar-se da fronteira por pressão inglesa, sem dinheiro para munição e suprimento para tropa, o general Gaspar Vigodet, comandante do exército espanhol sediado em Montevidéu, é obrigado a capitular.¹²

Nessa época havia muitas denúncias de que os revolucionários perseguiam os espanhóis e confiscavam seus bens etc. Diante dessa conjuntura o comerciante espanhol embarca em uma “sumaca”,¹³ para o Rio de Janeiro.

Segunda parte

Chegando à Corte portuguesa o espanhol fica impressionado com as desigualdades sociais existentes na sede da monarquia. Tratando-se a *Novela* como material de propaganda da monarquia espanhola, e particularmente de defesa dos direitos espanhóis na Banda Oriental, as críticas e as depreciações ressaltadas se colocam como contraponto ao discurso civilizatório do governo do Rio de Janeiro.

Neste tempo vezitei as innumeraveis Ilhas que contem este Porto magnifico, também vezitei os arredores da cidade. Que contrastes! Que contradições observei! Que reços de riqueza e de miseria, de poder e de fraqueza, de engrandecimento progrecivo e de aniquilamento immediato! Vi huma sociedade matizada de todas as côres desde o prêto mais fixado, ate ao branco roza. Vi huma sociedade depravada, e rivaes as castas originaes entre si, e com as entremeias, do mesmo modo, e por fim vi huma confusão. Vi hum pôvo desmamado por mulheres silvestres, sem pôder, e servas, que se apresentão no meio da rua nuas em pêllo.

O narrador encontra novamente Costa no Rio de Janeiro. Em andanças pela cidade assistem a um acontecimento inusitado, que introduz novo personagem, o inglês Mr. Archs. Tentando colocar uma tábua entre as duas margens de um rio, Mr. Archs cai e quase se afoga diante de seus escravos, que nada fazem para ajudá-lo. A cena suscita o seguinte comentário do narrador: “os escravos, como escravos têm a alma de barro, ficando parados a observarem a luta que seu senhor tinha com a morte”. A condição humana dos escravos é questionada na medida em que têm “alma de barro”, a humanidade ou não dos escravos é discussão que perpassa quase todo o século XIX.

Diante da cena dramática do inglês que se afogava, Costa salva o homem e o acompanha até sua residência, onde a filha o espera. Ramona, uma bela moça de 14 anos, se emociona ao ver o pai. Nessa parte o clima de romance invade o texto, pois logo no primeiro encontro o militar português se encanta com a beleza da jovem. Depois de muitos agradecimentos o inglês convida Costa para dar aulas de francês a Ramona. Costa aceita e acaba se apaixonando profundamente pela filha de Mr. Archs.

O retorno ao discurso político se dá quando o narrador recebe carta do “amigo Dias” – que havia ingressado nas forças realistas para lutar contra a revolução de Buenos Aires – informando-o sobre a situação do vice-reino do Rio da Prata e a rendição de Montevideú.

A fortuna ou sua prevenção os salvarão de huma completa ruina, e talvez da morte. Tudo se perdeu menos a esperança e a coragem que nunca morrem em coração Hespanhol. Este campo de batalha se perdeu, hiremos em procura de outro, ainda que seja as Californias. Minha familia passou a Boenos Aires, Montevideo depois de rendido ficou hum dezerto. Eu penço em breve dar-lhe hum abraço porq^e. só espero ocasião oportuna para embarcar-me, então sabera tudo ... A corte do Rio de Janeiro tinha por vias indirectas contribuido p^a. aquella desgraça, porq^e. não tinha perdido a esperança de apoderar-se de Montevideo e sua campanha, e não podendo fazer isto quando estavam de posse os hespanhões, contribuhio p^a. que paçassem ás mãos de revolução, e protestando cautella, estendeo as fronteiras;

Sob pressão inglesa o governo do Rio de Janeiro busca negociar com as forças revolucionárias de Buenos Aires, abandonando assim à própria sorte a resistência espanhola em Montevideú. Dessa parte em diante, o discurso político se alterna com o novelesco, as cenas de amor vividas entre Costa e Ramona inserem emoção à narrativa. Costa continua fazendo visitas frequentes a Ramona e descobre que ela também está apaixonada por ele. O narrador e o português vão à casa de Mr. Archs e, depois da apresentação de canto e do recital de piano de Ramona, a jovem se retira e os três homens iniciam conversa sobre a situação política da América.

Fomos jantar, perguntei que novidades haviam, e o negociante inglez, disse: parece que huma partida de francezes, desses que agora depois da paz vierão ao Brazil, atacávão os quintos que vinhão de Minas, porem felismente forão bati-dos. Então recordou o inglez, q^e tendo estado por ocasiões mais de cinco mil hespanhoes emigrados da América, não constava que hum só tivece feito patifaria que merece ir á cadeia, porem pelo contrario, os francezes chegados, tinham feito roubos, assassinatos, quebras faudolentas, e por ultimo, que não havia hum só a quem se lhe podece confiar cem mil reis; e dando uma gargalhada disse; vedes senhores a classe de commerciantes com que a França intenta competir com nosco. Nisto acabamos de jantar, veio vinho branco, caffè, e charutos e seguimos a converção mais avivada.

A ameaça francesa nunca foi descartada, constantemente eram divulgadas notícias, boatos da chegada de frotas francesas à America. Os ingleses, que tinham o controle comercial do Brasil e das províncias do sul da América espanhola, temiam a concorrência francesa e a ocupação das colônias americanas por Napoleão, uma vez que quem estava no trono da Espanha era José Bona-

parte. Nesse sentido, os comentários de Mr. Archs são representativos do discurso inglês contra os franceses.

Em janeiro de 1820 o narrador adoece e embarca para Europa, e assim termina a segunda parte.

Terceira parte

Em virtude da instabilidade política no Brasil – alastravam-se as conspirações liberais – o narrador é obrigado a desembarcar na Bahia. Chegando a Salvador, vivencia os ecos da Revolução em Pernambuco de 1817 naquela província. Havia na cidade grupos de conspiradores compostos por militares, proprietários de engenho, trabalhadores liberais e comerciantes. Os sediciosos haviam obrigado o governador, Marcos de Noronha Brito, a intervir no movimento. As notícias dos movimentos liberais na Europa rapidamente se espalhavam na América, e o narrador anota que quando saiu do Rio de Janeiro também “já sabia do êxito da revolução de Riego”.

Em janeiro de 1820 estoura a revolução Liberal na Espanha. O general Riego revolta-se em Cádiz e é acompanhado por levantamentos na Corunha, em Saragoça e Barcelona. Após a Revolução, a Constituição de 1812 é restaurada. Em virtude da revolta liberal na Espanha, o general inglês Beresford escreve a d. João VI informando-o de que as mudanças ocorridas na Espanha teriam efeitos em Portugal. O general acreditava que a Espanha poderia atacar Portugal como indenização, em face das perdas americanas. Em certo sentido Beresford tinha razão: em 1821 estoura a Revolução Liberal do Porto e aumenta a pressão para a volta do rei a Portugal. Um ano depois d. Pedro declara a Independência do Brasil.

Ainda em Salvador o narrador tem encontro com espanhóis vindos do Peru, os quais se dirigiam à Espanha para justificar a deposição do vice-rei Pazuela.¹⁴ Provavelmente, esses homens representavam os membros dos chefes reais de Aznapuquio, que em 1821 depuseram o vice-rei.

Em 1815 principiarão as tramoias da França sobre a America, os Espias desta Nação nos venderão seus segredos. O Governo francez convencionou com Fernando nossa ruina, huma esquadra franceza foi a Lima a levar os arranjos e comprar o Vice-Rey. Nos sobemos isto, e a depozemos. O convenio entre Fernando e a França tinha p^a base lançar-nos na anarquia, e deste modo ser-mos vencidos pela Revolução Americana[...] Como a França não tem Colonias e sim muita po-

voação o q^e lhe convem he hum Governo fraco em Hespanha, sobre o qual in-flua, e deste modo remedeia esta necessidade.

Um novo personagem entra em cena, sr. Silva, português que vive no Brasil. Silva retrata as disputas e rivalidades entre portugueses e brasileiros no momento em que a metrópole em crise exige a recolonização do Brasil. O discurso de Silva, proferido a pedido dos deputados peruanos, revela certa arrogância e o sentimento de superioridade que os portugueses sentiam em relação ao povo brasileiro, para ele composto por negros e mestiços:

o Brazil he mui fraco p^a. a impreza em que se acha empenhado, a revolução se tem feito geral, a emporrões ... A organização social brasileira he vicioza, não digo bem, he torpe, brota dissolução por todas as junturas ... O povo he fraco, se compõe de escravos e tiranos, os tiranos são escravos, se os deixão ser tiranos. Ora pois, em tal estado e com tantas garantias, como podia a revolução deixar de rebentar? Porem V.S. quer saber porque vinte mil portoguezes nos vemos sitiados por dous mil e quinhentos rapazes, molatinhos, rotos, pobres, mal armados, e mal mandados; eu vos satisfaço ... A Nação portogueza para existir precisava combater la, ou cá, dezenvolver suas forças, e adequirir rebostez, criando deste modo huma massa de heróes, porem lhes fexarão a estrada que seos e os acontecimentos lhe abrirão na revolução do Brazil.

Em 2 de julho de 1823 tropas brasileiras entram na cidade de Salvador, então ocupada pelo exército português, e tomam a cidade, consolidando a vitória brasileira. O novo governo dá ordem para evacuação da cidade.

Diante da incerteza da situação o narrador segue para Londres e, depois de 54 dias de viagem, chega à capital da Inglaterra. A novela entra em seu ato final com grande carga dramática e emocional. No hotel onde está hospedado, o narrador houve as lamúrias de um homem e, ao perguntar o que estava acontecendo, é informado de que os sons vinham de um português que vivera no Brasil. O narrador entra no quarto e encontra Costa, doente e deprimido. Dias depois Costa conta o fim de seu romance com Ramona, mas não menciona o desfecho de sua história de amor.

A parte final reforça as críticas ao movimento liberal e a desordem que o mundo está vivendo em face das novas ideologias que se alastram pelo Ocidente.

Para o *gran finale* os principais personagens se reúnem no hotel de Londres: os espanhóis/peruanos que haviam encontrado o narrador em Salvador, o sr. Costa e um Cônego que agora faz parte do grupo, como representante do clero. O cônego faz um longo discurso sobre os males da maçonaria:

Faz dois seculos senhores que huma ceita infernal de chamados filosofos deo principio por meio de associações secretas a minar os costumes sagrados, e profanos das Nações, espalhando ideias sacrilegas contra a religião e seus ministros, e contra os governos. No entanto que assim trabalharão nos inmundos subterraneos, nos quaes torcião a educação dos homens já formados, por outro lado com mão dextra se apoderarão da juventude, educando-a em suas maximas, com o fim de q^e. no fucturo lhes servissem nos seus perverços projectos. Assim seguirão seculo e meio, porem no medo do passado seus ataques forão mais decedidos, minando e conrõmpendo por fim a massa do povo, por meios de escritos incendarios, sacrilegos, e anti politicos; e debaixo da bandeira da honra, da justiça, da obdiencia, e da virtude exortavão os povos a romperem o freio das leis, e a considerarem aos soberannos e sacerdotes impostores, uzorpadores, e tyrannos.

Terminada a fala do Cônego, o sr. Costa e o narrador se retiram. Os amigos saem a passeio por Londres e decidem ir ao teatro. Em 1^o de março de 1823 o narrador recebe uma carta de Dias relatando que a revolução o forçara a correr várias nações americanas – havia passado pelo Panamá, pela Jamaica e por Santa Cruz de la Sierra.

Depois de quatro mezes e meio de viagem penozissima pelos aridos dezertos do Brazil, cheguei finalmente a S^{ta} Cruz; logo escrevi a Valdez rogando-lhe me empregace no Exercito ... logo me mandou ordem p^a poder levantar duas companhias de cavallaria, e duas de Infantaria na Província de Móxos e Chiquitos, nomeando-me commandante de todas ellas, como gráu de Tenente Coronel, incluindo-me instruções rezervadas da maneira, como, e em quem deveria eu conferir os Commandos subalternose.

As revoluções que resultaram na independência das colônias espanholas tiveram dois momentos: um primeiro de libertação da metrópole e um segundo de guerra civil, onde as lideranças regionais lutavam pelo poder. A guerra civil se prolonga por quase trinta anos, devastando e destruindo a agricultura, desarticulando o comércio e arrasando quase completamente a próspera economia colonial americana.

Na carta, Dias faz referência ao romance do sr. Costa com Ramona e o traz à memória do amante, que narra ao amigo o infortúnio de sua grande paixão. Costa conta que certa noite, por ciúmes, entrou escondido na casa dos Archs, quando todos estavam dormindo, e viu um vulto que se dirigia ao quarto de Ramona. Morto de ciúmes, tirou um punhal que levava e esfaqueou o desconhecido. O episódio acordou as pessoas da casa, que depararam com uma

das escravas esfaqueada e caída ao chão. Mr. Archs, ao ver a cena, expulsou o sr. Costa de sua casa, acusando-o de ingratidão. Sobrevém, então, o desespero ao sr. Costa. Consternado, procura o médico da família, revelando que Ramona está grávida. O médico vai até a casa de Mr. Archs para tentar convencê-lo de que o sr. Costa ama sua filha, mas o velho inglês não cede e, diante do impasse, com o intuito de persuadi-lo, o médico conta o segredo da gravidez de Ramona. Enfurecido, o pai entra no quarto da filha e a espanca violentamente, fazendo que ela aborte a criança. Nove dias depois Ramona morre.

CONCLUSÃO: A TRAMA DA POLÍTICA E DA NOVELA

O drama, o amor impossível e o sofrimento causado pela paixão e pelos ciúmes caracterizam os temas novelescos, tipo de literatura bastante comum no século XIX. A novela nasce no âmbito do movimento literário identificado como Romântico, e se apropria de um imaginário romanesco, priorizando em sua escrita a emoção, externando o mundo interior do escritor, caracterizando sua individualidade.

A novela histórica foi um gênero especialmente valorizado entre 1789 e 1840. O estilo logo se irradiou para a França e demais países europeus, chegando por fim à América. Porém, sua maior difusão pode ser explicada pela emergência da imprensa. O jornal como meio de comunicação levou à formação de um novo público, intimamente ligado à ascensão da burguesia, que buscava na literatura a representação de seu cotidiano e uma forma de propagação de seus ideais.

Poemas eram lidos a um público seletivo que frequentava festas e saraus literários. A propaganda dos novos ideais libertários utilizou de maneira bastante eficaz a experiência dessa burguesia que transitava pelos encontros de poesia e levou-a para a praça pública. A leitura pública de versos e sonetos, em geral de conteúdo político, tornou-se frequente em meados do século XIX. Há, também, vários relatos sobre a representação de peças políticas em bares, praças públicas etc., assim como leituras públicas de panfletos e pasquins.

Reforçando essa ideia o cronista Adolfo Morales de los Rios Filho faz esta observação:

A ação dos jornalecos, a maioria dos quais era oposicionista, agradava ao povo. Ou melhor, agradava aqueles que liam pelo povo, pois este não podia fazê-lo em virtude de sua crassa ignorância. Mas, não podendo ler, o povinho se comprazia em ouvir o que diziam as gazetas.¹⁵

Particularmente, em momentos de grande agitação política os militantes usavam esse recurso uma vez que a grande maioria da população era analfabeta. Procuravam criar uma escrita simples, ligada ao cotidiano, como forma de aproximar e mobilizar o povo das lideranças e, conseqüentemente, da causa que defendiam. Assim, era comum encontrar discursos políticos em forma de diálogos publicados nos pasquins da época, pois era uma forma mais dinâmica, didática, que tornava o conteúdo mais fácil de ser aprendido.

A hipótese de que a “Novela Histórica e Sentimental” seja uma gazeta manuscrita justifica-se principalmente por seu conteúdo eminentemente político. Porém, ela não apresenta o estilo de uma novela histórica popular. O texto mistura o ficcional com o verdadeiro, pois muitos personagens realmente fizeram parte do cenário político do momento descrito e muitos dos fatos realmente aconteceram, mas a relação entre o ficcional e o verdadeiro se dá de forma artificial, quase caricatural. Outro fator reforça nossa hipótese: observa-se a pouca preocupação com as normas literárias e com a qualidade do enredo e do texto. A narrativa é entrecortada, sem intermediação entre os temas, e o texto não tem a fluidez de uma peça literária.

Além disso, o romance não tem importância no âmbito da narrativa, são dedicadas poucas páginas às aventuras amorosas de Ramona e Costa, embora o desfecho da relação entre os amantes seja extremamente dramático, ressaltando as tradições de honra e dignidade muito fortes nos setores populares da sociedade colonial. O discurso político em defesa da monarquia espanhola, exaltando a qualidade de vida e cultura nas colônias, com críticas às revoluções liberais e à Maçonaria, são, sem dúvida, a tônica do texto. A monarquia portuguesa é vista na novela como atrasada; os ingleses são voltados inteiramente para seus interesses comerciais, e os franceses e sua revolução são a “maldade universal”.

A Novela Política e Sentimental termina no ano de 1823, com os dois amigos partindo para Lisboa, onde a revolta conhecida como “Vila-Francada”, liderada por d. Miguel, filho caçula de d. João e d. Carlota Joaquina, põe fim à primeira experiência constitucional portuguesa, dissolvendo as Cortes e restaurando o absolutismo monárquico.

NOTAS

¹ BOUZA Alvarez, Fernando. *Corre manuscrito: una historia cultural del Siglo do Oro*. Madrid: Marcial Pons, 2001, p.22.

² LEWIN, Boleslao. *La Conspiracion de los Franceses en Buenos Aires (1795)*. *Anuário del*

Instituto de Investigaciones Históricas, Rosário: Universidad Nacional del Litoral/Facultad de Filosofía y Letras, v.4, 1960.

³ SHULTZ, Kirsten. *Versalhes tropical*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008, p.174.

⁴ NEVES, Lucia Maria Bastos P. *Corcundas constitucionais: cultura e política (1820-1823)*. Rio de Janeiro: Revan; Faperj, 2003.

⁵ Sobre a censura em material impresso ver: TENGARRINHA, José. *História da imprensa periódica portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1989.

⁶ CUNHA, Waldir da. Coleção de jornais manuscritos, pasquins e boletins 1741-1930. *Anais da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, 1994, p.139.

⁷ MIRANDA, Tiago C. P. Reis. Historiografia e tradição crítica: novela exemplar dos “jornais manuscritos”, século XVIII. In: SOIHET, Rachel; BICALHO, Maria Fernanda; GOUVÊA, Maria de Fátima (Org.). *Culturas políticas: ensaios de história cultural, história política e ensino da história*. Rio de Janeiro: Mauad, 2005, p.155-170.

⁸ José Gervasio Artigas (1764-1850), político e militar do Uruguai. Durante a guerra hispano-portuguesa combateu os ingleses no Prata. Nesse mesmo período iniciou-se o movimento de libertação das colônias espanholas.

⁹ Francisco Javier Elio (1767-1822), nascido em Pamplona, foi militar espanhol. Como governador, enfrentou a revolução do rio da Prata.

¹⁰ Sobre o assunto ver: AZEVEDO, Francisca Nogueira. *Carlota Joaquina na Corte do Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003; e GONÇALVES, Roberta Teixeira. *Entre duas fábulas: o processo de construção da soberania uruguaia (1825-1828)*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Seropédica, 2010.

¹¹ Las Piedras: região situada a 20 km de Montevidéu. Na batalha de Las Piedras (18 maio 1811) Manuel Francisco Artigas, irmão de Gervásio Artigas, comandou as tropas orientais, que traziam o capitão José Fructuoso Rivera y Toscana e Juan Antonio Lavalleja; as tropas artiguistas saíram vitoriosas sobre as tropas espanholas e sitiaram Montevidéu.

¹² Sobre o assunto ver AZEVEDO, 2003.

¹³ Sumaca: embarcação pequena utilizada na América espanhola e no Brasil para navegação de cabotagem.

¹⁴ Joaquin de la Pazuela y Sanchez Muñoz de Velasco. Vice-rei do Peru entre 7 jul. 1816 e 21 jan. 1821.

¹⁵ DE LOS RIOS FILHO, Adolfo Morales. *O Rio de Janeiro Imperial*. 2.ed. Rio de Janeiro: Topbooks; Ed. UniverCidade, 2008, p.469.

Artigo recebido em setembro de 2010. Aprovado em outubro de 2010.